



SEMINÁRIO TEOLÓGICO

Prof. Herbert A. Pereira

LOCAL

Igreja Evangélica Deus Todo Poderoso
Rua Schoroeder, 410 – Jardim Santa Maria
Guarulhos - SP.

TEORIAS SOBRE O ARREBATAMENTO

1. INTRODUÇÃO

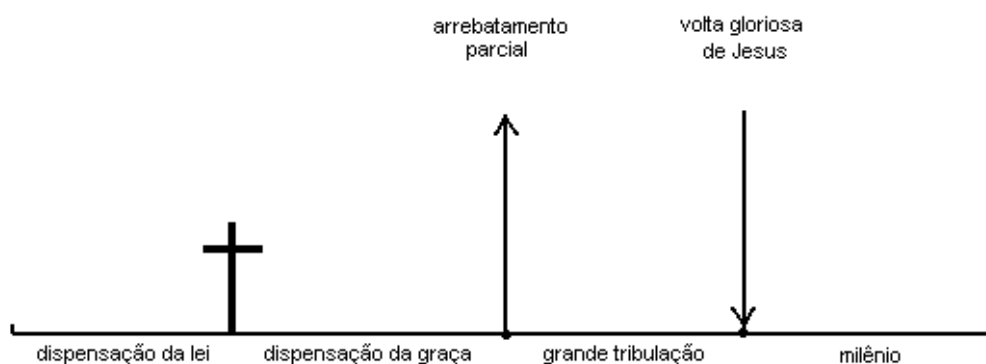
O conteúdo deste trabalho visa tratar do evento mais esperado pela igreja. No entanto, esta não é unânime em sua crença, ou seja, não vê da mesma maneira como e quando será o arrebatamento.

Neste trabalho serão apresentadas três das quatro teorias a seu respeito, é importante mencionar que esta discussão só existe em meio aos pré-milenistas já que os amilenistas e pós-milenistas não crêem que existirá arrebatamento.

2. A TEORIA DO ARREBATAMENTO PARCIAL

Na análise do arrebatamento parcial não discute quando será o evento referente a grande tribulação, ou seja, se antes, no meio ou depois, o que ela traz a discussão é quem participará dele. Para o parcialista não são todos os crentes, mesmo sendo autênticos, que serão arrebatados, mas somente um grupo formado por aqueles que estão ansiosamente aguardando seu retorno e são dignos de participar:

Quanto ao tempo os parcialistas são pré-tribulacionistas, crêem que o arrebatamento será antes da grande tribulação, fazendo com que os salvos que não esperavam com ansiedade a volta do senhor passem por ela a fim de aguardarem o retorno visível de Cristo. No gráfico abaixo podemos observar o pensamento parcialista:



Toda a estrutura desta teoria está baseada nas seguintes referências bíblicas: Mt 25:1-13; Lc 21:36 “Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais *havidos por dignos* de evitar todas essas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do Homem”; Tt 2:13 “*aguardando* a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”; Hb

9:28 “assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, *aos que o esperam para a salvação.*” e 1Jo 2:28 “E agora, filhinhos, permaneço nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e *não sejamos confundidos* por ele na sua vinda.” Em todas estas referências há uma exortação a vigilância, no entanto não há o menor indicio de que só serão salvos os “*havidos por dignos*” até porque este grupo não existe; ninguém é digno.

Para uma sustentação viável desta teoria o parcialista precisa negar pontos fundamentais da doutrina cristã como:

- a) A eficácia do sacrifício de Cristo (Hb 10:11-12);
- b) A adoção divina através de Jesus (Rm 8:15-16);
- c) A unidade da verdadeira igreja de Cristo sob a qual ele é a cabeça (Ef 4: 4-6);
- d) A eficácia da graça de Deus (Rm 3:24);
- e) O fato de que nenhuma parte da verdadeira igreja de Jesus irá passar pela grande tribulação (Ap 3:10).

O apóstolo Paulo nos dá a resolução final em sua primeira carta à Igreja de Corinto:

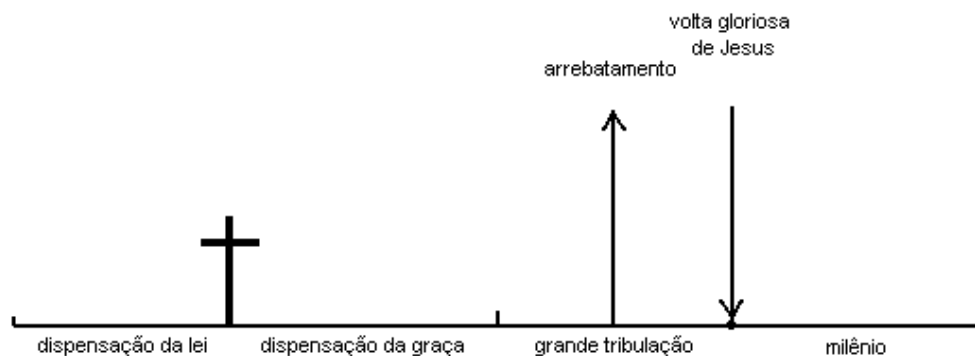
“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformado..” (1 Co 15:51-52)

Paulo nos informa que “todos” os que estiverem em Cristo serão transformados, isto se baseia na Justiça divina e não na humana, seguidos por aqueles que morreram em Cristo que também foram justificados e isto sim nos torna dignos.

Por tudo isso fica totalmente descartada a possibilidade de um arrebatamento parcial.

3. A TEORIA SOBRE O ARREBATAMENTO MESO OU MIDI TRIBULACIONISTA

Diferente do parcialista este grupo entende que todos os que estiverem em Cristo serão arrebatados, sua discussão é referente ao tempo do arrebatamento, isto é, quando ele acontecerá. Para o meso-tribulacionista ocorrerá em meio a grande tribulação.



Veja no gráfico acima o pensamento meso-tribulacionista:

O Meso-tribulacionismo tem suas bases firmadas em interpretações figuradas ou alegorizadas de passagens que deveriam ser interpretadas literalmente. Vejamos quais são seus argumentos.

3.1. A grande tribulação é dividida em duas fases distintas

Quanto à duração do período tribulacional surge o primeiro problema, que é referente a uma suposta divisão em duas fases distintas, no entanto ao olharmos para Daniel 9:27 não encontramos nenhuma divisão na septuagésima semana, é certo que Jesus disse em Mateus 24:21 que na segunda metade do período as coisas iriam se agravar, porém isto não permite dizer que existirão duas partes independentes a ponto de caracterizarmos apenas a segunda metade como sendo a verdadeira grande tribulação. Segundo Daniel o pacto com Israel dará início a semana profética, sendo que no meio desta o anticristo romperá' este pacto (Dn 9:27) trazendo dura perseguição aos israelenses (Ap 12:6). Este agravamento da situação é devido o fim da falsa paz instituída pelo anticristo (Ap 6:2) que agora revela sua verdadeira face e não devido o início de um outro período distinto.

3.2. O capítulo 11 de apocalipse revela a ocasião do arrebatamento

Para sustentar um arrebatamento em meio a grande tribulação utilizam o capítulo 11 de apocalipse com sendo um fato incontestável da ocasião em que este ocorrerá, porém isto também só é possível se desprezamos uma interpretação cuidadosa de todo o livro quanto à sua cronologia. Os defensores da teoria afirmam que do capítulo 4 ao 11 temos a primeira parte de grande tribulação seguindo o raciocínio, afirma que do capítulo 12 ao 19 temos a segunda parte. Tendo capítulo 11 bem no meio da semana profética usam o seguinte versículo para afirmarem o momento do arrebatamento: “*E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.*” (Ap 11:12). Se usarmos de analogias com certeza chegaremos á mesma conclusão, no entanto se interpretarmos o texto de maneira coerente e de acordo com uma exegese perfeita veremos que tudo não passa de um mal entendido. Vejamos alguns pontos que não se encaixam quando interpretamos corretamente:

- a) Deduzem por analogia que as duas testemunhas apresentadas no capítulo 11 são figuras, sendo assim representam os dois grupos a serem arrebatados, os vivos e os mortos. O texto, mesmo lido sem muita atenção deixa claro que as duas testemunhas não são tipos ou símbolos, mas pessoas literais.
- b) Essas duas testemunhas não poderiam representar a igreja já que são enviados para o povo de Israel, isto é claramente visto através dos vs. 3 e 4 onde o texto fala de oliveira e candeieiro. Também o ministério das testemunhas demonstra similaridade com o ministério profético do velho testamento.

- c) Alegam que a nuvem em que as testemunhas subiram ao céu (v.12) representa o arrebatamento. Como vimos as duas testemunhas são representantes de Israel e não da igreja, sendo assim nuvem para o Judeu simboliza a presença de Deus, até por que não existe promessa de arrebatamento para a nação de Israel.

3.3. A trombeta de 1Co 15:52 e 1Ts 4:16 é a mesma de Ap 11:15

Outro ponto complicado para ser sustentado pelos meso-tribulacionistas é o fato de afirmarem que as trombetas de 1Co 15:52, onde diz: *“num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”*; 1Ts 4:16 *”Porque haverá o grito de comando, e a voz do arcanjo, e o som da trombeta de Deus, e então o próprio Senhor descera do céu”* e Ap 11:15 *“E tocou o sétimo anjo a trombeta, e houve no céu grandes vozes,”* são a mesma coisa. Em I Coríntios Paulo fala de uma trombeta de vitória, um chamado à presença de Deus, algo ansiosamente esperado pela igreja, o mesmo vemos em 1Ts 4:16; enquanto que, em apocalipse a trombeta é de apresentação à chegada do Rei dos Reis que vem para julgar.

E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.

Um outro detalhe que não pode passar despercebido é que em 1Ts 4:16 a trombeta é de Deus ao passo que em apocalipse a trombeta é de um anjo.

Existe ainda um ponto a ser mencionado que é o fato de acreditarem que “a grande voz do céu” de Ap 11:12 é uma referencia ao chamado de Deus, como em 1Ts 4:16 *”Porque haverá o grito de comando”*. Isto, devido às questões de diferença entre Israel e igreja, se torna impossível.

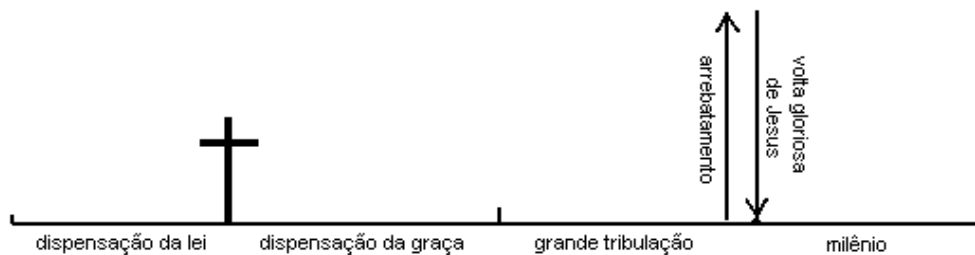
4. A TEORIA DO ARREBATAMENTO PÓS-TRIBULACIONISTA

A terceira teoria a ser discutida é a do arrebatamento após a grande tribulação, ensinam que o arrebatamento será seguido imediatamente pela volta gloriosa de Jesus; Jesus vem, arrebatando a igreja e rapidamente vai ao céu retornado imediatamente à terra com a igreja arrebatada para instituir o milênio. Esta é a que mais cresce em nossos dias e que se torna mais resistente, no entanto ao estudá-la veremos que biblicamente, não há como sustentá-la. Veja no gráfico o pensamento pós-tribulacionista. O pós-tribulacionismo desenvolveu argumentos para defenderem sua teoria, que são no mínimo improváveis, já que se baseiam em uma interpretação alegórica e espiritualizada das Escrituras não observando os contextos das passagens bíblicas, ainda que insistam em dizer que são literalistas, o negam na prática. Vejamos os principais argumentos pós-tribulacionistas:

4.1. Daniel 9:24-27 já teve seu cumprimento histórico concluído

O primeiro grande argumento a respeito do assunto é referente ao cumprimento da profecia de Daniel, dizem todo o plano ali determinado já teve seu cumprimento concluído no ano 70 a.C. com a destruição de Jerusalém. No entanto vamos observar algumas questões que provam que a profecia ainda aguarda seu cumprimento, baseados numa interpretação literal e cuidadosa do texto.

- a) Todo o plano das setenta semanas (v.24) inclui seis bênçãos: 1) *extinguir a transgressão*, 2) *dar fim aos pecados*, 3) *expiar a iniquidade*, 4) *trazer a justiça eterna*, 5) *selar a visão e a profecia*, 6) *ungir o Santo dos santos*. Entendemos que estas bênçãos em sua totalidade ainda não foram cumpridas, até porque as três últimas só serão estabelecidas com a instituição do milênio.
- b) O texto fala de uma aliança por parte “do príncipe que há de vir” que seria estabelecida com o Israel apóstata, a qual seria desfeita na metade da semana (v.27). Nunca na história houve qualquer tipo de aliança que restabelecesse o culto judeu, até por que isto só será possível quando Deus iniciar seu plano de restauração espiritual com Israel, e isto será no período tribulacional.
- c) Erram ao dizer que Jesus morreu na ultima semana restante, dizendo que sua morte vicária é esta “aliança com muitos” a qual seria quebrada. Julgam que o “Ele” do v.27 é Jesus, porém se olharmos no verso anterior, veremos que se trata do “Príncipe que há de vir”, o qual é o anticristo. Dessa maneira a septuagésima semana não pode ter ocorrido pois só quando o anticristo estivesse em ação poderíamos dizer que este período seria a última semana de Daniel.



4.2. A igreja tem promessa de tribulação

Um dos principais argumentos pós-tribulacionista com certeza é o de que a igreja deverá cumprir as profecias com respeito a passar pela tribulação para isso usam o seguinte texto de Lucas:

“E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! Então, começarão a dizer

aos montes: Cai sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco?” (Lc 23:27-21)

Para provar biblicamente que a igreja deve passar pela tribulação é necessário:

- a) Esquecer-se que existem vários tipos de tribulação, e que esta pode ser referente às lutas e dificuldades em se viver uma vida cristã frente a um mundo dominado pelo pecado (Jo 15:18-19; 16:1-2,33).
- b) Esquecer-se que existem passagens que falam a respeito do sofrimento que o povo Judeu passará durante a grande tribulação (Lc 23:27-21; Mt 24:9-11; Mc 13:9-13).
- c) Esquecer-se que um dos propósitos da grande tribulação é a purificação do povo de Israel, e sendo já a igreja purificada pelo sangue de Jesus não existe a menor razão para ela ser purificada novamente, se assim fosse o sacrifício de Cristo seria insuficiente.

Interpretar por analogia e não de maneira coerente o capítulo 4 de apocalipse onde vemos a referência aos 24 anciãos, que para alguns simboliza 12 representantes do velho testamento com 12 representantes da nova aliança, o fato é que não cabe outra interpretação que não seja de que os 24 anciãos são representantes da igreja arrebatada, os motivos são claros: 1) O capítulo 4 refere-se a uma visão do céu enquanto na terra se inicia a grande tribulação, portanto não pode haver representantes de Israel no céu já que Deus está os purificando na terra. 2) estão usando uma coroa (que no grego de uma forma geral traz a idéia de recompensa (2Tm 4:8) ninguém a essa altura do plano escatológico de Deus, a não ser a igreja arrebatada poderia usar uma coroa de vitória (Ap 2:10). 3) as promessas para igreja vitoriosa, expressas nas sete cartas as igrejas da Ásia menor encaixam-se com a aparência, posição local e de honra em que os 24 anciãos estão.

5. A TEORIA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONISTA

Por ser a mais aceita e mais coerente, é a que de um modo geral, é ensinada nas igrejas pentecostais, neopentecostais como também em muitas igrejas históricas. Por isso merece uma atenção melhor para que aprendamos de uma maneira mais profunda e esclarecedora, já que muitos conhecem a escatologia superficialmente estando inabilitados a defender o ponto de vista pré-tribulacionista.

Para o pré-tribulacionista o arrebatamento será antes da grande tribulação, trazendo aos crentes em Jesus o livramento dos sofrimentos vindouros (Ap 3:10).

Os pós-tribulacionistas usam o argumento de que o pré-tribulacionismo é uma doutrina nova e estranha para a igreja primitiva como também para a igreja no decorrer de toda a história. O fato é que isso não pode ser dito sem uma averiguação em documentos da igreja primitiva como também no contexto bíblico. O pré-tribulacionista repousa em argumentos sadios e coerentes com a interpretação correta das Escrituras, e também está baseado na chamada “doutrina da iminência”, ou seja, a palavra de Deus sempre nos exorta a estarmos vigilantes pelo fato de não sabermos a que horas, dia, ano ou

século Jesus virá “*Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor*”.(Mt 24:42), e isto demonstra que sua vinda é algo inesperado.

Vejam no quadro gráfico abaixo o pensamento pré-tribulacionista:



Podemos perceber que desde a igreja primitiva, se esperava uma vinda a qualquer momento, o que é contrário ao pós-tribulacionismo já que, segundo eles, o arrebatamento vem após a grande tribulação; sendo assim, saberemos exatamente quando este ocorrerá. Desta forma todo o processo de espera dos crentes é alterado, pois terão como identificar claramente não só a proximidade, mas também o exato momento, descartando as advertências referentes a vigilância contidas em todo o novo testamento. Isto demonstra que a igreja desde os primórdios era pré-tribulacionista, ou seja, esperava que o arrebatamento fosse antes da grande tribulação, pois acreditava que não passaria por ela.

Quanto a dizerem que é uma doutrina nova, é uma grande irresponsabilidade, pois o fato de não ser bem explicada por todo decorrer da história da igreja não quer dizer que não esteja correta, também é exigirmos demais que desde aqueles tempos já tivesse este nome, que, aliás, tornou-se necessário para identificar a “teoria” diante das outras. Se seguirmos este raciocínio, a doutrina da salvação só tem quinhentos anos, pois esta foi discutida e definitivamente estabelecida no período da reforma, a verdade é que algo não pode ser considerado novo por apenas não ter sido detalhado no passado.

Alguns pontos devem, necessariamente ser observados para que tenhamos uma compreensão clara e sustentável referente ao pré-tribulacionismo, e para isto estudaremos alguns pontos que afirmam e sustentam um arrebatamento antes da grande tribulação:

- a) A igreja não necessita de mais uma purificação, pois esta já foi consumada na cruz;
- b) A igreja precisa ser retirada da terra para que se inicie a grande tribulação;
- c) É necessário que hajam salvos no fim da grande tribulação para ingressarem no milênio;

Os tipos no Antigo Testamento indicam um arrebatamento pré-tribulacional.

6. CONCLUSÃO

Pudemos extrair vários conceitos sobre as teorias sobre o arrebatamento. Dentre essas teorias podemos concluir o seguinte:

O pré-tribulacionismo se destaca das outras teorias por ser a única baseada numa interpretação literal, que, como já vimos, é o método usado pela própria escritura para se explicar. Outro ponto importante é o fato de respeitar a doutrina da iminência como também reafirmá-la.

Mesmo não havendo sinais específicos que indiquem o arrebatamento, o prenuncio da grande tribulação já nos serve como “sombra de sinal”, contudo não devemos atentar cegamente para estes aparentes sinais e nos esquecermos que sua vinda é iminente. A igreja é constantemente exortada a vigiar “*aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo*” (Tt 2:13); “*Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa*”. (Mt 24:43); “*Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão*” (1Ts 5:4).

7. BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BRUCE, F.F.. *Paulo o apóstolo da graça*. São Paulo: Shedd, 2003.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Trad. João M. Bentes. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995.

ERICKSON, Millard J.. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

_____. *Opções contemporâneas na Escatologia: um estudo do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 1982.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

MILNE, Bruce. *Estudando as doutrinas da Bíblia*. 5. ed. São Paulo: ABU, 1986.